

**RODAS DE CONVERSA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES:  
INTERAÇÕES ENTRE EGRESSOS E LICENCIANDOS EM QUÍMICA**

CONVERSATION WHEELS IN THE INITIAL TEACHER TRAINING: INTERACTIONS  
BETWEEN GRADUATES AND UNDERGRADUATES IN CHEMISTRY

Mariane Ocanha<sup>1</sup>

Patrícia Sandalo Pereira<sup>2</sup>

Roberta Negrão de Araújo<sup>3</sup>

**Resumo**

Este artigo aborda a formação inicial de professores por meio das interações entre egressos e os acadêmicos do curso de licenciatura em Química do IFMS – Coxim. Ele tem como objetivo apresentar a análise dos dados do eixo temático “Indícios de colaboração”, de uma pesquisa em andamento, intitulada “As interações entre egressos e alunos do curso de licenciatura em Química e suas potencialidades para a formação inicial de professores”. O referencial teórico fundamenta-se nos seguintes autores: Gatti (2010), Silva (2012), Desgagné (2007), Ibiapina (2008), Ibiapina e Magalhães (2012), Magalhães e Fidalgo (2010), além da legislação vigente. Como metodologia, utilizou-se tanto as Rodas de conversa, fundamentadas em Warschauer (2017a, 2017b) para a produção dos dados, como pesquisa colaborativa para a análise destes. Os resultados indicam que as Rodas de conversa proporcionaram interação, partilhas, questionamentos, diálogos e superação de conflitos, que permitiram a expansão e o compartilhamento de significados, propiciando reflexões e impactando na formação dos acadêmicos do curso de licenciatura em Química investigado.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ensino de Ciências – UFMS. E-mail: mariane.ocanha@ifms.edu.br.

<sup>2</sup> Instituto de Matemática, Área: Educação Matemática. E-mail: patricia.pereira@ufms.br

<sup>3</sup> Docente do Centro de Ciências Humanas e da Educação. E-mail: robertanegrao@uenp.edu.br.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Licenciatura em Química. Índícios de Colaboração. Rodas de conversa. Pesquisa colaborativa.

### **Abstract**

This article addresses the initial training of teachers through interactions between graduates and students of the Chemistry degree course at IFMS - Coxim. It aims to present the analysis of data from the thematic axis "Indications of collaboration", of ongoing research, entitled "The interactions between graduates and students of the Chemistry degree course and its potential for initial teacher education". The theoretical framework is based on the following authors: Gatti (2010), Silva (2012), Desgagné (2007), Ibiapina (2008), Ibiapina and Magalhães (2012), Magalhães and Fidalgo (2010), in addition to current legislation. As a methodology, both conversation wheels, based on Warschauer (2017a, 2017b), were used to produce the data, as well as collaborative research to analyze them. The results indicate that the conversation wheels provided interaction, sharings, questionings, dialogues and overcoming conflicts, which allowed the expansion and the sharing of meanings, providing reflections and impacting the training of undergraduate students in the investigated Chemistry course.

**Keywords:** Teacher training. Chemistry degree course. Indications of Collaboration. Conversation wheels. Collaborative research.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo é fruto dos dados obtidos em uma pesquisa em andamento, intitulada “As interações entre egressos e alunos do curso de licenciatura em Química e suas potencialidades para a formação inicial de professores”. Trazemos como recorte a análise do eixo temático “Índícios de colaboração”. Utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa e os dados foram obtidos por meio da metodologia de Rodas de conversa, fundamentada em Warschauer (2017a; 2017b) e organizados e analisados na perspectiva da metodologia de pesquisa colaborativa, baseada em Ibiapina (2008).

Sabemos da importância das pesquisas envolvendo a formação inicial de professores, afinal as licenciaturas “[...] são cursos que, pela legislação, têm por objetivo formar professores para a educação básica” (GATTI, 2010, p. 1359). Além disso, a autora ressalta que são essas

pesquisas que podem “[...] contribuir para o debate que busca a melhoria da qualidade da formação desses profissionais, tão essenciais para a nação e para propiciar, nas escolas e nas salas de aula do ensino básico, melhores oportunidades formativas para as futuras gerações” (GATTI, 2010, p. 1360). Assim, investir na formação inicial de professores é também investir na sociedade.

Atualmente, o documento legal que respalda a formação inicial em nosso país é a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC – Formação).

A formação inicial de professores é objeto de estudo de muitas pesquisas científicas, fato comprovado ao realizarmos uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Entretanto, ao considerarmos especificamente o curso de licenciatura em Química, o número de pesquisas apresenta uma redução considerável e esta é ainda maior quando acrescentamos na busca os egressos dos cursos.

Segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), no Censo da Educação Superior realizado em 2019, existiam 7625 cursos de licenciatura, entre presenciais e à distância, no Brasil. Destes, 344 eram cursos de Química (formação de professor), ofertados em 196 instituições distintas, sendo 132 públicas e 64 privadas. Dentre essas instituições, encontra-se o Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – *campus* Coxim (IFMS-Coxim), *locus* da presente pesquisa.

O IFMS foi criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008), com sede instalada na capital Campo Grande – MS. O projeto foi expandindo-se e novos *campi* foram criados, inclusive o de Coxim, que entrou em funcionamento em fevereiro de 2011, autorizado pela Portaria nº 79, de 28 de janeiro.

A primeira turma do curso de licenciatura em Química do IFMS-Coxim ingressou no segundo semestre do ano de 2011, sendo o curso ofertado na modalidade presencial. De 2011 até o primeiro semestre de 2021, ingressaram dez turmas na licenciatura e, até o ano de 2020, atingiu-se um total de 33 egressos.

Na sequência, são apresentados conceitos que fundamentam a pesquisa.

## 1 A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E A COLABORAÇÃO

Muitas vezes, ao trabalhar com formação inicial, o potencial existente nas interações entre licenciandos e egressos não é considerado. Sendo assim, partimos da premissa que os egressos têm muito a coadjuvar com os acadêmicos de um mesmo curso, visto que percorreram praticamente o mesmo caminho de formação, enfrentaram dificuldades similares e venceram obstáculos. Objetivamos, portanto, com esta pesquisa, analisar contribuições advindas das interações entre professores em formação e egressos do curso de licenciatura em Química do IFMS-Coxim.

Dar voz aos egressos está em consonância com os fundamentos da nova política da formação docente que assume como um dos princípios relevantes: “[...] II - a valorização da profissão docente, que inclui o reconhecimento e o fortalecimento dos saberes e práticas específicas de tal profissão” (BRASIL, 2019).

Partimos, então, do fato que o homem é um ser social e “o desenvolvimento do ser humano se constitui na relação que estabelece com o outro” (SILVA, 2012, p. 28). Essa relação é fundamental na evolução dos indivíduos e permeia as interações.

Para Silva (2012, p. 32), “[...] no processo da comunicação, há de haver uma troca com o outro. Troca de impressões, experiências e informações. Quando transformamos informação em comunicação, unimos os gestos, os atos e as palavras, assim acontece a interação”.

As interações estiveram presentes na relação entre os professores em formação do curso de licenciatura em Química do IFMS-Coxim e os egressos deste, bem como entre esses dois grupos e a pesquisadora. Nesse contexto, trazemos a contribuição de Ibiapina (2008), ao afirmar que

É por meio da interação com o outro que ele desenvolve a capacidade de refletir e, conseqüentemente, aprende a ter consciência de si mesmo. O processo dialógico, vivenciado com o outro, faz a mediação entre o mundo objetivo e o subjetivo, fazendo-o apreender a realidade objetiva e transformá-la (IBIAPINA, 2008, p. 69).

Para impulsionar tais interações, buscamos propiciar a colaboração no desenvolvimento da pesquisa, realizando um trabalho com os participantes e não sobre eles. O “[...] conceito de colaboração se apoia na compreensão recíproca das preocupações e dos respectivos interesses que motivam os parceiros no projeto de investigação” (DESGAGNÉ, 2007, p. 16). Neste sentido, destacamos a importância de estarem alinhados os interesses e a motivação do pesquisador, egressos e licenciandos.

Concordamos que são necessárias as interações para a existência da colaboração, de modo a marcar a inter-relação existente entre esses conceitos. De acordo com Ibiapina (2008, p. 34):

Colaborar significa tomada de decisões democráticas, ação comum e comunicação entre investigadores e agentes sociais que levem à construção de um acordo quanto às suas percepções e princípios. Nessa perspectiva, a colaboração se efetiva a partir da interação entre pares com diferentes níveis de competência, isto é, colaboração significa a ajuda que um par mais experiente no momento de realização de determinada atividade, no caso a pesquisa, é também ação formativa desenvolvida conjuntamente que faz o desenvolvimento pessoal e profissional de professores.

Destacamos a existência de um parceiro mais experiente ajudando o outro, pois foi nesse sentido que propusemos uma ação de formação inicial envolvendo os egressos do mesmo curso. Defendemos que a experiência dos egressos pode contribuir para a formação inicial dos licenciandos.

Conforme já mencionamos anteriormente, a colaboração ocorre a partir da interação entre os pares. Porém, ela deve ser organizada não só por meio do diálogo<sup>4</sup>, mas das negociações e das reflexões. Todos devem estar comprometidos no que tange à manutenção do processo, devem ter interesses em comum.

Ibiapina e Magalhães (2012) defendem que colaborar não é falar o que o outro precisa ou não fazer, mas dar ao outro a possibilidade de refletir sobre suas ações, adquirindo, conseqüentemente, a capacidade de se questionar. Outro ponto de destaque é a confiança mútua que se desenvolve entre os participantes. Tal sentimento auxilia nos diálogos e no processo de reflexão.

Para Magalhães e Fidalgo (2010), a colaboração permite que todos os diferentes participantes de uma pesquisa possam ter possibilidade de fala, seja para questionar os sentidos atribuídos pelo outro, pedir esclarecimentos, ou mesmo relatar e explicar suas ideias. Tudo isso faz com que a pesquisa se desenvolva e não significa que, neste contexto, não possa haver contradições. É evidente que pode haver conflitos oriundos dos pensamentos distintos entre as pessoas, o que é natural e esperado para essa abordagem.

Na verdade, os conflitos e as contradições são importantes e precisam mesmo existir, pois quando ouvimos a opinião do outro, diferente da nossa, somos capazes de considerar o que

---

<sup>4</sup> De acordo com o Dicionário *online* de Português, diálogo significa: “Conversar; escrever ou se expressar por meio de diálogo, de uma conversa interativa, da troca de informações, opiniões, ideias. Buscar um acordo com; tentar ter uma relação amistosa com”. Neste estudo, assumiremos o termo como sinônimo de troca de informações e ideias.

foi dito e refletir. Essa reflexão crítica pode gerar em cada um de nós novas formas de pensar e de agir, provocando mudanças que podem levar a uma transformação da realidade.

Dessa forma, o presente estudo teve início a partir do diálogo entre pesquisadora e acadêmicos, posteriormente, com os egressos, culminando no desenvolvimento de Rodas de conversa. A seguir, descrevemos essa metodologia, subsidiada em Warschauer (2017a, 2017b).

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Ao definir o trabalho com Rodas de conversa orientamo-nos pela metodologia proposta por Warschauer (2017a, 2017b) e adaptamos para o contexto vivenciado junto aos acadêmicos do curso de licenciatura em Química, do IFMS-Coxim. Isso foi possível, pois se trata de uma “[...] metodologia genérica, que ganha contornos específicos a cada contexto, sua compreensão fica ampliada à medida que percebemos como funcionou com pessoas, ambientes e objetos específicos” (WARSCHAUER, 2017b, p. 18).

De acordo com a autora, não há sentido em copiar uma mesma prática já reproduzida, mas é preciso recriar de acordo com a especificidade de cada grupo, pois os indivíduos possuem “[...] histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir” (WARSCHAUER, 2017a, p. 67). Ou seja, a Roda “constitui-se num momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo” (WARSCHAUER, 2017a, p. 68).

Consideramos necessário conhecer a história do outro, ser sensível às suas vivências, pois mesmo em ações desenvolvidas em um ambiente escolar, como é o caso desta pesquisa, não somos resumidos ao que vivemos nesse ambiente, precisamos olhar além. Esse olhar pode ser oportunizado pelas Rodas de conversa, que são ainda um importante instrumento para aprendizagem individual e coletiva e para produção de dados, por ser considerada

[...] uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA; LIMA, 2014, p. 99).

Possivelmente, ao longo da vida, todos já participamos de Rodas de conversa, sejam elas realizadas em algum momento de nossa trajetória escolar, ou mesmo em casa, com amigos,

familiares, tomando um café, comendo uma pizza, entre outras situações. Enfim, entendemos que tais rodas fazem parte de nossa vivência, visto que atuamos em sociedade e, constantemente, reunimo-nos com outras pessoas, momento em que o diálogo se faz presente.

As Rodas de conversa nunca serão iguais e não é possível planejar ou saber tudo o que acontecerá em uma delas, pois:

Não é possível determinar de súbito como uma pessoa ou como grupos de pessoas devem se comportar, pensar ou sentir. O comportamento é sempre fruto de suas histórias, como seres únicos e como pessoas inseridas em coletividades desde que nasceram (WARSCHAUER, 2017b, p. 18).

Cada pessoa tem sua história de vida, suas lutas, suas conquistas, assim como seu círculo de amigos, pessoas próximas e tudo isso faz parte, tornando cada ser humano único. Entendemos que cada experiência de vida é única e intransferível, mas quando partilhamos nossas experiências com o outro, contamos sobre nossas vivências e, assim, podemos proporcionar-lhe uma nova interpretação, um novo olhar sobre aquilo que vivemos e isso pode gerar um aprendizado na vida de quem escuta.

As Rodas de conversa propostas neste estudo apresentaram como sujeitos: a pesquisadora, docente do curso de licenciatura em Química do IFMS-Coxim, os acadêmicos e os egressos do curso. O diálogo inicial entre esses sujeitos apontou interesses e necessidades individuais e coletivas, como, por exemplo, questões envolvendo possibilidades encontradas no mercado de trabalho, dificuldades enfrentadas na formação inicial e desafios da profissão.

Diante desse cenário, entendemos que os relatos de experiências de vida, realizados pelos egressos, seriam uma oportunidade para atender alguns dos pontos identificados junto aos indivíduos. É importante retomar o fato que as Rodas de conversa são propícias às interações e mediações e, conseqüentemente, às reflexões que podem ser consolidadas por meio da partilha.

Inicialmente, olhamos para as falas dos egressos como potencialmente capazes de incentivar os acadêmicos do curso de licenciatura em Química a vencer os obstáculos que surgem no processo de formação inicial, além de oportunizar a tomada de consciência sobre suas responsabilidades e o papel como professor em formação. Consentimos com Albuquerque e Galiazzi (2011) quando afirmam que:

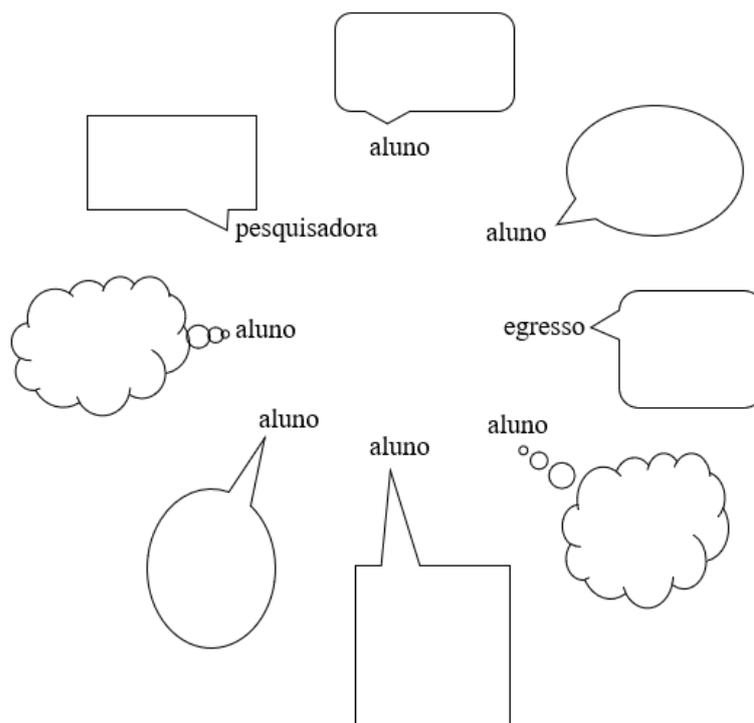
A exposição de ideias e a oportunidade de partilha de histórias, de experiências vividas, de saberes e de dificuldades encontradas possibilitam que os participantes percebam que os problemas que enfrentam são também enfrentados por outros. Seja o participante um professor ou um aluno, ele receberá o incentivo para enfrentar os problemas, pois terá a força do conhecimento construído a partir da partilha e da reflexão coletiva (ALBUQUERQUE; GALIAZZI, 2011, p. 388).

Para a realização das Rodas de conversa foi utilizada uma sala de aula que estava disponível e as carteiras foram organizadas em círculo. Elas aconteceram no período noturno, em um dia da semana em que os alunos tinham aulas vagas. A escolha da organização em círculo deu-se, pois:

Essa configuração em roda facilita a comunicação. Os sujeitos conseguem se olhar, e, com isso, as interações acontecem com mais facilidade. Ocorrem trocas de olhares, trocas de argumentos, trocas de críticas, trocas de experiências. Quando se está em roda, as trocas acabam sendo inevitáveis; conseguimos por meio dela conhecer um pouco do outro, observando seu comportamento, suas reações e manifestações (ALBUQUERQUE; GALIAZZI, 2011, p. 388).

Além do “olho no olho”, a disposição circular coloca todos os participantes em igual posição, o que pode favorecer a fala e o envolvimento de todos, conforme ilustra a Figura 1. Nesse contexto, foram desenvolvidas quatro Rodas de conversa durante o ano de 2019. Participaram 21 alunos em formação inicial, cinco egressos e a pesquisadora.

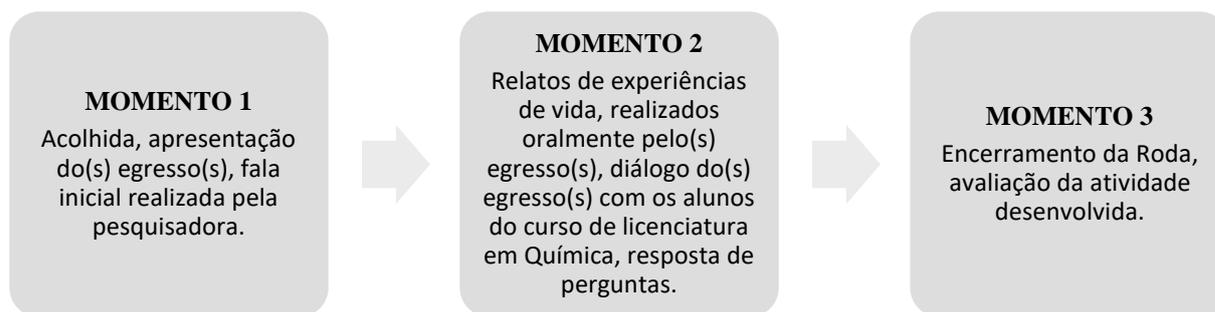
Figura 1 – Ilustração de uma Roda de conversa.



Fonte: Criado pelas autoras, baseado em Warschauer (2017a).

Warschauer (2017b) apresentou as Rodas de conversa com uma estrutura dividida em três momentos: abertura, desenvolvimento e fechamento. Baseados nessa proposição, organizamos nossos encontros conforme estrutura apresentada na Figura 2.

Figura 2 – Estrutura das Rodas de conversa.



Fonte: Criado pelas autoras.

Ainda sobre o desenvolvimento da Roda de conversa, optamos por utilizar os relatos orais, pois entendemos que “a reflexão individual e coletiva é permeada por relatos de experiências de vida” (WARSCHAUER, 2017b, p. 249), ou seja, pela partilha dos egressos. Consideramos que os licenciandos podem refletir e, principalmente, evidenciar que mesmo diante de dificuldades, é possível concluir a graduação e vencer os obstáculos que surgem pelo caminho.

Os relatos de experiências de vida foram a oportunidade de os egressos contarem sobre sua trajetória acadêmica, desde a escolha pelo curso de licenciatura em Química, até o momento atual de sua vida profissional. Essa narrativa foi permeada por memórias e fatos lembrados e compartilhados pela Roda de conversa. Porém, essa foi apenas uma das etapas da atividade.

Ao narrar partes de sua vida, cada egresso deu atenção especial para um ou mais aspectos que foram marcantes em sua trajetória. Sabemos que cada um tem uma história única, suas próprias experiências de vida, o que fez com que cada relato tivesse suas particularidades. E, se em relação aos egressos cada história foi única, as percepções dos licenciandos também foram distintas ao escutar cada um.

Os professores em formação precisaram exercitar a arte de escutar. Para Warschauer (2017b, p. 247): “Saber expressar o que pensa, mas também saber escutar o que o outro pensa e tenta expressar são desafios”. Ainda segundo a autora, escutar é diferente de ouvir. Ouvir pode ser simplesmente receber os sons, algo passivo, mas, para escutar, é preciso atenção e esforço para interpretar o que se ouve.

Dando sequência ao desenvolvimento das Rodas de conversa, além dos relatos dos egressos, foram oportunizados diálogos, na maior parte das vezes iniciados por meio de questionamentos feitos pelos licenciandos aos egressos, visto que surgiam dúvidas ou

curiosidades sobre aquilo que era falado na Roda. Priorizamos um ambiente aberto à conversa, em que todos tivessem oportunidade de se manifestar. Dessa forma, valorizamos a participação volitiva, aspecto relevante considerado por Ibiapina (2008).

Ao término de cada Roda de conversa, a avaliação era feita pela pesquisadora junto aos acadêmicos. Estes relatavam suas percepções, sugeriam mudanças e, a cada encontro, a dinâmica ia sendo aprimorada.

As Rodas de conversa foram transcritas. Esses dados constituíram o *corpus*<sup>5</sup> de análise, que foi feita utilizando a pesquisa colaborativa. Consideramos pertinente a utilização da pesquisa colaborativa como metodologia para análise dos dados, pois:

Na pesquisa colaborativa a análise e interpretação pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito, das inter-relações históricas e sociais implicadas no discurso e dos referenciais teóricos que fundamentam a investigação (FERREIRA, 2012, p. 387).

A pesquisa colaborativa tem sido utilizada com o intuito de ampliar a participação do pesquisador no ambiente escolar, visto que se desenvolve mediante uma parceria entre as instituições e as relações pessoais em torno de um objetivo comum. Assim sendo, contribui para estreitar laços entre a Educação Básica e a academia e, dessa forma, promove resultados satisfatórios relacionados à prática docente. De acordo com Horikawa (2008), a pesquisa colaborativa contribui “[...] para a elaboração de novas compreensões acerca dos trabalhos realizados na instituição escolar, estabelecendo um compromisso da academia de também se engajar na busca das soluções para as problemáticas aí apresentadas” (p. 27).

Os dados fornecidos pelas Rodas não foram apenas as falas, mas todo o contexto em que elas foram desenvolvidas e, nessa perspectiva de análise, organizamos os resultados obtidos em eixos temáticos. A pesquisa em andamento analisa três eixos temáticos: Índícios de Colaboração, Índícios de Reflexão Crítica e Contribuições para a formação inicial. Para a escolha desses eixos, levamos em consideração todos os dados construídos, focando sempre a formação inicial dos licenciandos em Química e buscamos evidenciar as potencialidades desenvolvidas por meio das interações e mediações com os egressos.

---

<sup>5</sup> O *corpus* é constituído pelo conjunto de documentos e produções textuais que são objeto de pesquisa. Tal *corpus* tanto pode ser documentos já existentes, como os produzidos para a pesquisa (MORAES; GALIAZZI, 2007). Neste caso, a transcrição das Rodas de conversa.

Todavia, como o artigo traz um recorte, abordamos apenas um dos eixos temáticos determinados, que é tratado no tópico seguinte e diz respeito aos “Indícios de Colaboração”. Essa análise foi feita com base em nove indicadores que apresentamos na sequência.

### 3 ANÁLISE DO EIXO “INDÍCIOS DE COLABORAÇÃO”

Buscando analisar e compreender os indícios de colaboração presentes nas interações ocorridas no desenvolvimento desta pesquisa, consideramos os indicadores descritos na Figura 3.

Figura 3 – Indicadores do Eixo “Indícios de colaboração”.



Fonte: Criado pelas autoras.

Recorremos às transcrições de cada encontro realizado para que, por meio das falas dos participantes, pudéssemos identificar como ocorreram os indícios de colaboração. Além dos indicadores, utilizamos também palavras, como por exemplo pronomes e expressões, que podem ser relacionadas à colaboração.

Para dar início a essa análise, precisamos entender o contexto em que se constituíram as Rodas de conversa. O ponto inicial foi marcado pelas primeiras interações ocorridas em sala de

aula, entre pesquisadora e acadêmicos do curso investigado, já que o intuito era desenvolver uma pesquisa com e não sobre os participantes. Em um primeiro diálogo, podemos observar marcas do início do processo colaborativo que deu origem ao projeto desenvolvido nesta pesquisa.

Sendo a pesquisadora docente do curso de licenciatura em Química, uma relação de confiança mútua foi constituindo-se antes mesmo do início da pesquisa, o que facilitou a abertura para falar sobre ações a serem desenvolvidas fora do ambiente de sala de aula, sem vínculo com as aulas ministradas.

Para começar a conversa, a professora pesquisadora questionou os licenciandos se eles conheciam ou teriam interesse em conhecer egressos do mesmo curso. Diante da afirmativa, falou sobre a possibilidade de organizarem uma atividade em horário que não tivessem aula, promovendo esse encontro com alguns egressos. Isso foi importante pois, “[...] a colaboração só se torna evidente em situações dialógicas, isto é, na interação entre pares” (IBIAPINA; FERREIRA, 2005, p. 34).

Neste ponto, podemos destacar a primeira negociação que ocorreu, marcada pela pergunta feita pelo Aluno 1: “É que dia isso aí?”, mostrando que a escolha do dia poderia influenciar na participação, ou não, de alguns. Diante dessa pergunta, foram analisadas as possibilidades de dias e horários em que os alunos não tinham aulas e, em comum acordo, definiu-se às quintas-feiras, às 21h15min. Para Ibiapina (2008), essa negociação de espaço e tempo faz parte do desenvolvimento da colaboração.

No desenvolvimento das Rodas de conversa, buscamos levar em consideração os interesses dos alunos do curso de licenciatura em Química e, desse modo, eles foram indagados sobre o que gostariam de ouvir dos egressos. Destacamos a resposta do Aluno 2, “Eu quero saber se vale a pena continuar. Se eles estão empregados, se eles estão gostando”. Diante dessa resposta, os demais alunos demonstraram concordar, porém poucos realmente falaram. Mas, vimos que existia o interesse em saber sobre as possibilidades oportunizadas pelo curso diante do mercado de trabalho.

Como não foram todos os alunos que participaram do diálogo inicial, que antecedeu as Rodas de conversa, fizemos também um questionário *online*, que ajudou a compreender melhor sobre os interesses em comum do grupo. Isso foi feito, uma vez que, “o desenvolvimento de um trabalho colaborativo requer a criação de relações que incluam interesses pessoais e sociais

comuns entre os partícipes, compondo uma densa teia de conexões interpessoais” (IBIAPINA, 2008, p. 36).

Além disso, queríamos garantir que o contexto real dos participantes fosse considerado no desenvolvimento da pesquisa, fato defendido por Desgagné (2007) como necessário para a colaboração, além de assegurar a possibilidade de fala de todos, desde o início de sua organização.

Após as negociações e registros sobre os interesses do grupo, mais uma vez foram questionados se participariam e se concordavam em realizar essas atividades junto aos egressos. A resposta dada pelo Aluno 3 foi: “Topamos já”. Nessa fala, podemos ver que Aluno 3 respondeu em nome do grupo, fato marcado pela utilização da primeira pessoa do plural, o que pode ser entendido como um comum acordo e mais um indício da existência de colaboração, indicando também o comprometimento com a ação, fato que foi observado no decorrer dos encontros com a efetiva participação do grupo.

O próximo passo foi o contato realizado com os egressos. Primeiramente, foi enviado um questionário *online* para todos, para tomar conhecimento sobre a área de atuação após o término do curso. Com base nas respostas e na disponibilidade apresentada nesse primeiro contato, eles foram contactados individualmente, por meio de ligação telefônica. Houve explicitação sobre o desenvolvimento do projeto e o convite para participarem dos encontros. Diante do aceite dos alunos e dos egressos, surgiram as Rodas de conversa, permeadas pelo diálogo e pela interação entre pares, fatos que, para Ibiapina (2008), evidenciam a colaboração.

Outro ponto a ser considerado é o fato de que dois acadêmicos ajudaram na organização das Rodas de conversa, desde o espaço físico até o aprimoramento da dinâmica de cada encontro, pensando sempre em como incentivar a participação dos demais alunos nos diálogos e interações, auxiliando nas reflexões finais e marcando a colaboração existente nessa ação.

Salientamos que a colaboração não indica que todos têm o mesmo papel dentro da pesquisa. Como já expresso por Magalhães (2009), não é necessário que todos do grupo participem de todos os momentos. Cada um pode ter uma função, porém é importante que não haja uma hierarquia. Neste sentido, buscamos respeitar os papéis que foram sendo construídos pelos participantes ao longo da pesquisa, porém valorizando igualmente cada um dos indivíduos.

Ressaltamos que, neste eixo temático, buscamos apontar indícios de colaboração presentes no desenvolvimento do nosso estudo. Entendemos que, por meio da colaboração, nós

e os indivíduos envolvidos podemos tomar consciência da necessidade que temos uns dos outros ao viver em sociedade. Trazer isso para a formação inicial dos licenciandos em Química pode possibilitar a criação de parcerias, reflexões e até transformações.

Enfatizamos que os indivíduos envolvidos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Pelo referido documento, autorizaram a gravação e os registros de todos os momentos, assim como a utilização dos dados para pesquisa.

Outra negociação vai ao encontro do que é mencionado por Ibiapina (2008), haja vista que é importante negociar com os partícipes a necessidade ou não do anonimato na pesquisa. Neste sentido, optamos, em comum acordo, preservar a identidade dos envolvidos. Também definimos a não utilização de nomes fictícios, mas apenas indicar se a fala foi realizada por um acadêmico, por um egresso ou pela própria pesquisadora. Desse modo, utilizamos a sigla A para indicar a fala de um acadêmico e a sigla EG para indicar quando a fala for de um egresso. Nesses casos, sempre seguido de um número que diferencie os indivíduos. Para as Rodas de conversa, a sigla utilizada é RC, também seguida de número apontando a ordem em que esta aconteceu.

Por meio das Rodas de conversa, a partir das transcrições dos diálogos, pudemos trazer evidências das marcas de colaboração. Consideramos pertinente a fala do EG1, que, logo no início da primeira Roda de conversa, apontou: “Assim, vai ser um bate-papo bem tranquilo, espero que vocês façam perguntas. Que eu possa responder as perguntas de vocês, do que realmente eu só ficar falando, falando, falando” (EG1, RC1). E, ainda, complementou “Tirem dúvidas, com relação à sala de aula, como que é, se é divertido, se não é, tá? Assim, podem ficar bem à vontade. Às vezes, no começo estão meio nervosos... [...] então, assim, fiquem à vontade, tá?” (EG1, RC1).

Podemos notar por parte do EG1 uma abertura ao diálogo, mostrando que, dentro das Rodas de conversa, todos tinham voz e vez. Esta é uma forte característica da colaboração, conforme apontado por Ibiapina (2008). Podemos observar também a preocupação dele em não monopolizar a conversa e realmente fazer com que aconteça uma partilha, envolvendo todos os participantes do grupo. O que apontamos na fala do EG1 foi verificado também nas falas dos demais egressos.

O EG2 reforça, ao final da segunda Roda de conversa, o fato de que o diálogo foi espontâneo e aberto a todas as perguntas dos licenciandos, dizendo: “Espero ter contribuído. Não foi nada planejado, foi tudo espontâneo mesmo, até porque eu não sabia quais seriam as

perguntas, né? Eu vim só para conversar mesmo” (EG2, RC2). Nessa fala transparece o desejo do EG2 em contribuir com a formação do grupo e a sua abertura em escutar e dialogar, conforme o interesse de todos.

Outro aspecto muito importante, destacado pelos egressos, foi a necessidade que temos uns dos outros e a importância da ajuda mútua, conforme podemos observar nos fragmentos do EG2 e EG3, apresentados a seguir.

Às vezes a gente pega um trabalho, ah eu estou tentando escrever um trabalho, estou tentando, tentando, não consigo. Pede ajuda. Pede ajuda para o professor, pede ajuda para um colega que tem mais facilidade. A gente precisa dessa cooperação interna. Ajudar um colega do mesmo curso é bom para os dois. Os dois vão crescer juntos. Então, não é o momento por exemplo, de pensar em concorrência. O sol nasce para todo mundo. Faça a sua preparação e ajuda o outro. Quando os dois se ajudam, a gente cresce junto, né? [...]. Não dá para você tentar fazer tudo sozinho. [...]. Então, eu preciso sim, contar com todo mundo. Contar com todo mundo, assim como todo mundo conta comigo. Então, acho que assim, a gente consegue ter tempo para tudo (EG2, RC2).

Então, assim, você tem um colega na sala para ir estudar com você? Às vezes, os dois não sabem, mas pelo menos estão juntos estudando, entendeu? Cola em quem vai estar junto com você, entendeu? Os professores, colam nos professores, que eles vão te apoiar (EG3, RC3).

Nessas falas, vemos que os egressos tentaram explicar para os professores em formação sobre a importância de ter ajuda de outras pessoas ao longo de nossas trajetórias, o que pode facilitar essa caminhada, incentivar nos momentos difíceis e dar o apoio que precisamos para vencer os obstáculos. Esse apoio pode vir de um colega, de um professor e dos próprios egressos, que também se disponibilizaram a ajudar no que fosse preciso.

Observamos o mais experiente, no caso os egressos, colaborando com o menos experiente, os licenciandos em formação inicial. Isso pode fazer com que os indivíduos avancem em seu desenvolvimento, conforme defendido por Ibiapina e Ferreira (2005). Por fim, os egressos incentivaram os acadêmicos diante das dificuldades. Vale registrar a utilização de termos que indicam o coletivo, como o pronome “nós” e o substantivo “a gente” como observamos nos fragmentos a seguir:

Desânimo sempre tem, né, porque todos nós sempre queremos fazer alguma coisa bem feita, queremos sempre ser perfeitos. E, quando a gente entra aqui, a gente vê que nem tudo que a gente consegue fazer vai ser perfeito, então por conta de não alcançar o objetivo pré-determinado por nós mesmos, a gente acaba não se sentindo capaz de fazer aquilo e vem o desânimo. Só que muitas vezes somos muito exigentes né... sendo que temos que começar é de baixo [...] (EG5, RC4).

Então, tudo é uma luta e a gente tem que lutar mesmo, para fazer a diferença nessa sociedade, nesse Brasil que tanto precisa de nós, professores, né? (EG4, RC4).

Concluimos que os indícios de colaboração presentes foram muito importantes para o desenvolvimento das Rodas de conversa, pois fizeram com que acontecesse realmente um trabalho em grupo, o que trouxe potencialidades para a formação inicial dos alunos do curso de licenciatura em Química. Dentre essas potencialidades, destacamos a possibilidade de parcerias entre egressos e acadêmicos, já que os egressos se apresentaram disponíveis, conforme podemos observar nos fragmentos a seguir.

Pessoal, valeu, acho que é isso aí, obrigado. Mas, sempre que precisarem na escola, se quiserem fazer um projeto, é todo mundo bem-vindo na escola (EG1, RC1).

Vocês que estão no primeiro semestre, realmente minha vida é um pouquinho difícil, mas se eu puder ainda contribuir com vocês, posso contribuir. Se quiser escrever algum trabalho comigo, quiser que eu oriente alguma coisa. Eu estou disponível também, me manda mensagem. [...]. O que precisar de mim, podem contar comigo, se tiver alguma dúvida de trabalho ou precisar de algum apoio para escrever alguma coisa, para desenvolver alguma coisa... se quiser conversar, trocar uma ideia, estou disponível (EG2, RC2).

[...] eu já tive muita ajuda na minha vida, sabe! Então, seria um prazer retribuir alguma coisa para você. Então, quando precisar de alguma coisa, dá um toque, o que eu puder dar apoio. Até uma lista, se precisar de ajuda para resolver, ajudo também, seria um prazer (EG3, RC3).

E se precisar da gente, a gente pode deixar o nosso contato, é só entrar em contato que a gente troca ideia com vocês sempre (EG4, RC4).

Essas falas revelam que a ajuda e a disponibilidade dos egressos vão além do que foi desenvolvido nas Rodas de conversa. São possíveis parcerias para a vida dos licenciandos em Química, tanto no sentido acadêmico, quanto profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, consideramos dois tipos de experiências: dos egressos, que já passaram pelo processo de formação inicial e hoje possuem uma visão diferente da graduação, e, por outro lado, as dos alunos em formação inicial, que estão no tempo presente vivenciando a sua formação. Nesse contexto, entendemos que as experiências dos egressos podem mediar as experiências dos alunos em formação inicial, já que os alunos podem, ao interagir e escutar os egressos, atribuir significados às suas falas e esses significados podem ser internalizados gerando transformações, reflexões e reconstruções.

Utilizamos as Rodas de conversa como meio para promover a interação e partilha de vivências, porém fora do horário de aula, sem vínculo com as disciplinas exigidas pelo curso,

para que houvesse uma participação voluntária, buscando alcançar os alunos em formação inicial do curso de licenciatura em Química do IFMS-Coxim.

Realizamos ao todo quatro Rodas de conversa que foram gravadas e transcritas para realização da análise. Por meio dessa análise, um dos eixos temáticos definidos foi “Indícios de colaboração”.

Em nossa análise, desejamos sair da superficialidade para atingirmos a essência das falas que aconteceram, explorando possibilidades dadas à compreensão por parte daqueles que escutaram, os alunos do curso de licenciatura. Buscamos evidenciar as potencialidades desenvolvidas por meio das interações com os egressos.

Por meio da análise realizada, identificamos as marcas de colaboração presentes no decorrer da pesquisa e concluímos que o eixo analisado apresenta sinais de contribuições decorrentes das interações e mediações entre professores em formação e egressos do curso de licenciatura em Química do IFMS-Coxim.

As Rodas de conversa proporcionaram interação, partilhas, questionamentos, diálogos e superação de conflitos, que permitiram a expansão e o compartilhamento de significados, o que pode ter desenvolvido reflexões e impactado, em especial, na formação inicial, pois a maioria dos participantes eram licenciandos em Química. Pontuamos ainda que tal impacto se estendeu à pesquisadora e aos egressos, que também participaram das Rodas.

Sobre as Rodas de conversa, podemos dizer que respeitamos o pensamento de cada indivíduo e suas vivências, buscando levá-los à reflexão crítica. Mesmo diante de diferentes papéis dentro da pesquisa, a colaboração existiu em todo o processo, permeando as Rodas de conversa e possibilitando a criação de vínculos, para além do espaço da instituição de ensino. Mas, essa é apenas uma parte do que foi possibilitado, pois muito ainda há de ser analisado com os dados produzidos.

Concluímos que as Rodas de conversa oportunizaram a produção de dados fecundos e esperamos que novas propostas possam ser desenvolvidas com a utilização dessa metodologia, tanto envolvendo a formação de professores, quanto outros objetos de estudo.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. M. de; GALIAZZI, M. do C. A formação do professor em Rodas de Formação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília – SP, v. 92, n. 231, p. 386-398, maio/ago. 2011.

BRASIL. *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008*. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111892.htm). Acesso em: 30 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 79, de 28 de janeiro de 2011. Autoriza o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul a promover o funcionamento do Campus de Aquidauana, Campo Grande, Corumbá, Coxim, Ponta Porã e Três Lagoas - MS. Diário Oficial da União, Brasília – DF, seção 1, p. 123, 31 jan. 2011. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/24431549/pg-123-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-31-01-2011>. Acesso em: 27 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019*. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. Tradução de Adir Luiz Ferreira e Margarete Vale Sousa. *Revista Educação em Questão*. Natal – RN, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007.

DIÁLOGO. Dicionário online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dialogo-3/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

FERREIRA, M. S. A Abordagem Colaborativa: uma articulação entre pesquisa e formação. In: SAMPAIO, M. N.; SILVA, R. de F. (Orgs.). *Saberes e Práticas da Docência*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2012, p. 359-396.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educação & Sociedade*. Campinas – SP, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

HORIKAWA, A. Y. Pesquisa Colaborativa: uma construção compartilhada de instrumentos. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 18, p. 22-42, 2008.

IBIAPINA, I. M. L. M. *Pesquisa Colaborativa: Investigação, Formação e Produção de Conhecimentos*. Brasília: Líber Livro Editora. 2008.

IBIAPINA, I. M. L. M.; FERREIRA, M. S. A pesquisa colaborativa na perspectiva sócio-histórica. *Linguagens, Educação e Sociedade* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação/ UFPI. Teresina – PI, n. 12, p. 26-38, jan./jun. 2005.

IBIAPINA, I. M. L. M.; MAGALHÃES, M. C. C. Colaborar na pesquisa e na formação docente: O que significa? Como agir? In: SAMPAIO, M. N.; SILVA, R. de F. (Orgs.). *Saberes e Práticas da Docência*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2012, p. 397-420.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Sinopse Estatística da Educação Superior 2019*. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 29 dez. 2020.

MAGALHÃES, M. C. C. O método para Vygotsky: A zona proximal de desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas. In: SCHETTINI, R. H.; DAMIANOVIC, M. C.; HAWI, M. M.; SZUNDY, P. T. C. (Orgs.). *Vygotsky: Uma revisita no início do século XXI*. São Paulo: Andross, 1 ed., p. 53-78, 2009.

MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. Critical collaborative research: focus on the meaning of collaboration and on mediational tools. *RBLA*. Belo Horizonte – MG, v. 10, n. 3, p. 773-797, 2010.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*. João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/23ac2587640666ea1799b2197c7b1f00/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4514812>. Acesso em: 31 dez. 2020.

SILVA, A. da. *A roda de conversa e sua importância na sala de aula*. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura – Pedagogia). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro – SP, 2012.

WARSCHAUER, C. *A Roda e o Registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 5. ed. rev. ampl., 2017a.

WARSCHAUER, C. *Entre na Roda! A formação humana nas escolas e nas organizações*. São Paulo: Paz e Terra, 1 ed., 2017b.